Considerações acerca das práticas sustentáveis e dos saberes dos camponeses guardiões de sementes no assentamento São Judas, Rio Brilhante – MS

Considerations about the sustainable practices and knowledge of the seed-guarding peasants in the settlement St.Judas, Rio Brilhante - MS

Las consideraciones sobre las prácticas sostenibles y el conocimiento de los campesinos que guardan semillas en el Asentamiento Son Judas, Rio Brilhante – MS

Francieli Aparecida Zenatti

Mestranda, UFGD, Brasil
franzinati@outlook.com

Rodrigo Simão Camacho

Professor Doutor, UFGD, Brasil
rogeo@ymail.com/rodrigocamacho@ufgd.edu.br

RESUMO

A pesquisa foi realizada no assentamento São Judas, no município de Rio Brilhante, MS, com a família Z¹, que tem como prática tradicional a conservação de sementes e saberes. O conhecimento popular é importante para realizar essas práticas, os guardiões de sementes guardam muitos saberes para preparar o solo e proteger a plantação. Convém ressaltar que compreendemos por guardiões de sementes todas as práticas que a família utiliza para conservar as sementes. É uma estratégia de resistência diante dos transgênicos, agrotóxicos e a monocultura. Esses saberes tradicionais da família não servem ao mercado, eles são conservados para que a família tenha uma alimentação saudável, com sementes de qualidade. As sementes conservadas e observadas são de “milho maisena”, “milho pipoca” e “amendoim”. Para o desenvolvimento desse trabalho dialogamos com os guardiões de sementes crioulas do Assentamento São Judas, e usamos como referências leituras sobre guardiões de sementes, saberes tradicionais e práticas sustentáveis em comunidades camponesas.

PALAVRAS CHAVES:Campesinato. Saberes Tradicionais.Guardiões de Sementes. Assentamento.

ABSTRACT

The research was carried out in the settlement Are Judas, in the municipality of Rio Brilhante, ms, with family zafar, whose traditional seed conservation practice and knowledge. knowledge and common sense is important to carry out these practices, the guardians of seed store many knowledges, to prepare the soil and protect the crops, it is appropriate to point out that we understand by guardians of knowledge all the family practices uses to save the seeds, that conservation is a strategy of resistance in the face of goes, pesticides, and monoculture. Thesetraditional knowledges of the familydon't serve the market, they are kept for the family to have a healthy diet, with quality seeds, seeds preserved and observed, are the "maize corn flour", "popcorn" and "peanut".For the development of this work we dialogue with the guardians of Creole seeds of the São Judas Settlement, and use as references readings about seed guardians, traditional knowledge and sustainable practices in peasant communities.

KEY WORDS:Knowledge. Traditional Knowledge. Guardians of Seeds.Settlement.

RESUMEN

La investigación se llevó a cabo en el asentamiento de San Judas, en el municipio de Río Brilhante, MS, con la familia Z, que tiene como práctica tradicional la conservación de semillas y conocimientos. El conocimiento popular es importante para llevar a cabo estas prácticas, los guardianes de semillas mantienen muchos conocimientos para preparar el suelo y proteger la plantación. Cabe destacar que entendemos por los guardianes conocer todas las prácticas que la familia utiliza para conservar las semillas, esta conservación es una estrategia de resistencia hacia los transgénicos, pesticidas y monocultivo. Estos conocimientos familiares tradicionales no sirven al mercado, se conservan para que la familia tenga una dieta saludable, con semillas de calidad. Las semillas conservadas y observadas son "maisena de maíz", "maíz de palomitas" y "cacahuete".

PALABRAS – CLAVES:Campe sinos, Conocimiento Tradicional, Guardianes de Semillas, Asentamiento.

¹ Manteremos apenas a letra inicial dos sujeitos da pesquisa a fim de garantir o sigilo dos mesmos.

1-Introdução

Essa pesquisa foi motivada pelo desejo de deixar registrado, de alguma forma, os saberes tradicionais da família Z que tem como protagonistas AZ e AZ, casados a mais de sessenta anos e que continuam preservando a tradição de guardiões de sementes e saberes, produzindo no lote do Assentamento São Judas, Rio Brilhante - MS, onde residem desde 2002.

Os guardiões de sementes possuem um conhecimento baseado na experiência, adquirido de geração em geração, são saberes populares construídos que remetem à familiaridade, a costumes, religião e modo de vida, com uma forte ligação com a terra e com as sementes, cultivam com respeito a natureza, de maneira sustentável.

A pesquisa teve como objetivos: entender o processo de como conservar as sementes crioulas; compreender os desafios que o camponês enfrenta para plantar e colher nessa era de transgênicos e agrotóxicos; mostrar a importância das sementes enquanto garantidora da reprodução camponesa e a sua autonomia; demonstrar a importância de preservar o modo de vida e a identidade camponesa.

Atualmente, se faz necessário refletirmos a respeito da preservação, divulgação e reprodução de saberes populares, pois com o avanço do desenvolvimento do capitalismo no campo, muitos saberes tradicionais estão sendo perdidos. Compreendemos a importância de analisarmos a preservação das práticas tradicionais de plantio, colheita e conservação das sementes, além da produção para o autoconsumo da família e a venda do excedente.

2-METODOLOGIA

Esse trabalho é resultado de uma análise empírica do conhecimento local dos camponeses do Assentamento São Judas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada em entrevistas e observação, a fim de registrar as práticas da família Z sobre a conservação de sementes e a socialização dos saberes populares.

3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1-SOCIALIZAÇÃO DE SABERES

Os guardiões de sementes, geralmente, se apropriam de um conhecimento passado de geração em geração. Esse conhecimento é derivado da experiência, pois existem diferentes formas de conhecimento, não apenas o conhecimento da ciência que aprendemos na educação formal. De acordo com Rolo e Ramos (2012), o conhecimento possui várias concepções, que pode significar apenas uma informação ou uma experiência. O conhecimento dos guardiões de sementes, é um conhecimento prático, adquirido ao longo dos anos, em que se aprende época de plantio, adubação, colheita e formas de armazenar as sementes para o próximo ano. Com isso, podemos dizer que a elaboração do conhecimento é uma “relação aberta”, engajada num campo de sociabilidade. Esses conhecimentos podem ser saberes tradicionais, passados de geração em geração, ou o conhecimento local de uma determinada comunidade. De acordo com Pidner (2010, p.13):

Os saberes locais são constituídos pelas experiências cotidianas dos sujeitos, e, ao mesmo tempo, os sujeitos fundamentam-se nesses saberes para o desenrolar das relações cotidianas. Os saberes não hegemônicos carregam outras imagens, outras visões, novas paisagens, que ultrapassam o conhecimento científico. São significados que remetem à familiaridade, aos laços afetivos, à densidade da vida.

Os camponeses têm uma ligação muito forte com a terra, sabem que precisam cuidar com carinho, alimentar e respeitar o tempo dela, ou caso contrário, não terão um bom alimento, conforme diz Woortmann (1983, p.119-120):

O trabalho do homem é o de preparar a terra e, quando necessário, alimentá-la, fortificá-la com a “vitamina” do adubo. Por sua vez, o trabalho da terra é o de receber as ementes, fazer nascer e crescer a planta, alimentando-a com sua “vitamina”. A terra agradecida retribui o trabalho do homem com uma colheita abundante. Quando ela “recebe a vitamina dada pelo homem e a chuva de Deus, ela fica alegre e agradece, dando muito alimento” e trazendo “fartura”. Mas, se a terra trabalha, tal como o homem, ela fica “cansada”, e é preciso respeitar seu tempo de “descanso” (pousio), para que possa renovar suas forças.

Os camponeses aprendem, desde cedo, preservar as memórias das famílias, os saberes que são passados de geração em geração. Atualmente, esses saberes são muito importantes na preservação do meio ambiente e na produção de alimentos saudáveis, pois o modelo hegemônico baseado na monocultura e uso dos agrotóxicos tem prejudicando a saúde da população e destruindo a natureza, então essas práticas são formas de resistência. Como escreve Pidner (2010, p.26): “A preservação dessas memórias do passado não moderno emergiu como um movimento de resistência à destruição causada pela modernidade”.

Hoje, a modernidade eurocêntrica está a serviço do mercado, diferentemente das práticas tradicionais em que as pessoas aprendiam cultivar a terra para plantar o seu próprio alimento e da sua família, por isso é importante desenvolver trabalhos de pesquisa nessas áreas de conhecimento popular, para que esses conhecimentos não desapareçam com o tempo. Precisamos fazer com que estes conhecimentos sejam socializados, para que as práticas sustentáveis, diferentes do que estamos vivendo hoje, sejam valorizadas. Como diz Pidner (2010, p. 44): “No contexto do mercado, o conhecimento serve ao lucro e, assim, é um artigo de consumo. O próprio conhecimento é transformado em mercadoria está acessível para quem puder pagar por ele”.

Esse conhecimento popular se aprende, na prática, com dedicação, geralmente é passado de gerações, as crianças já crescem vendo os familiares fazerem, e vão praticando. Esse conhecimento demanda tempo, de acordo com Matta (2016), é preciso estar junto para aprender, precisa conviver, estar presente e não apenas realizar uma determinada

atividade. Não é algo que aprendemos partindo da teoria, mas sim, das práticas concretas desenvolvidas pelos sujeitos.

Os camponeses trabalham e cultivam a terra de acordo com o que aprenderam. Respeitam a terra e sabem que precisam cuidar com amor para que a terra devolva em alimentos saudáveis. Possuem autonomia em seu trabalho e sabem que, se não desenvolverem um bom trabalho com a terra, não vão conseguir o alimento da sua família. Conforme diz Woortmann (1983, p. 123): “Camponeses são como gerentes da natureza pelo trabalho, o que me leva a outra dimensão da ética camponesa”.

Segundo o documentário “O veneno está na mesa”² desde 2008 o Brasil é o maior consumidor de agrotóxicos, cada brasileiro consome em média 5,2 litros de agrotóxicos por ano. Os agrotóxicos estão sendo permitidos em nome da produtividade, sem pensar no que acontece com a natureza e com a saúde, o que a revolução verde³ fez foi destruir toda herança da agricultura tradicional e criou um negócio totalmente novo.

Hoje, a maioria das sementes são transgênicas, e para produzir é preciso comprar o pacote completo, com adubos químicos e agrotóxicos (veneno). Antes da revolução verde, as famílias usavam sementes crioulas com bons resultados de produção, mas por volta do início dos anos de 1980⁴ as empresas começaram a produzir e comercializar as sementes transgênicas, ao adotar este modelo de produção, houve, aos poucos, um processo de escassez das sementes crioulas.

Como podemos observar, atualmente, a maioria das sementes produzidas no Brasil são transgênicas, principalmente a soja e o milho, e junto com elas vêm os agrotóxicos. Estamos alimentando-nos de veneno, a maioria dos alimentos estão com níveis elevados de agrotóxicos⁵. Porém, o uso de sementes transgênicas não garante aumento de produtividade, e sim diminuição de mão-de-obra, com isto tende a colaborar com o êxodo rural, como nos explica Camacho:

Ao contrário do que se pensa o uso das sementes transgênicas não está diretamente associado ao aumento da produtividade, mas, sim, a diminuição de custos com mão-de-obra devido à possibilidade de não precisar combater as pragas e as facilidades de semeadura. O resultado disso é a produção de uma agricultura sem agricultores, pois se necessita de menos empregos no campo, elevando-se o êxodo rural e todas as consequências negativas deste processo. Os transgênicos, além de ser uma forma degradante ambientalmente de produção porque gera a erosão genética, também acarretam o desemprego no campo. (2008, p. 64).

²Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LtQPZB7NmNA&t=112s>>. Acesso em: 1 jul. 2019.

³ Revolução Verde: A expressão Revolução Verde refere-se à invenção e disseminação de novas sementes e práticas agrícolas que permitiram um vasto aumento na produção agrícola a partir da década de 1960 nos Estados Unidos e na Europa e, nas décadas seguintes, em outros países. É um amplo programa idealizado para aumentar a produção agrícola no mundo por meio do uso intensivo de insumos industriais, mecanização e redução do uso de mão-de-obra. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_verde>. Acesso em: 01 jul. 2019.

⁴ Dados da ANVISA presentes no documentário: o veneno está na mesa. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LtQPZB7NmNA&t=112s>>. Acesso em 1 jul. 2019.

⁵ Dados da ANVISA presentes no documentário: o veneno está na mesa. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LtQPZB7NmNA&t=112s>>. Acesso em 1 jul. 2019.

3.2-SEMENTES CRIOULAS NO ASSENTAMENTO SÃO JUDAS

A pesquisa foi realizada no assentamento São Judas (figura 1), que está localizado em Rio Brilhante a sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul, região Centro-Oeste do Brasil, um projeto criado e reconhecido pelo INCRA em 1998, mas os lotes foram divididos em 12 de março de 1999. Contemplou 187 famílias, organizados em lotes com média de 13 hectares cada, formando 11 pequenos grupos. A área destinada ao assentamento São Judas foi desapropriada para atendimento de parte da demanda por terra, uma luta que tem como objetivo a Reforma Agrária (ZENATTI; CAMACHO, 2019).

Figura 1: Mapa do Assentamento São Judas

Fonte: INCRA (2019).

Segundo Zenatti e Camacho (2019) o assentamento possui alguns lotes arrendados, mas, em sua maioria, os camponeses produzem para o consumo e para venda do excedente, 60% da renda dos produtores do Assentamento São Judas é proveniente da venda de leite. Além dessa produção principal, os camponeses cultivam pequenas lavouras e criam animais para o consumo e acabam vendendo o excedente. É notória a ligação que possuem com a terra, com a produção por meio da mão de obra familiar, o desejo de criar os filhos no campo e participar do modo de vida da agricultura camponesa.

Vale ressaltar que o modelo de agricultura camponesa no Brasil se firmou a partir de importantes contribuições dos indígenas (HOFFMANN, 2017). De acordo com Carvalho e Costa (2012, p. 28) podemos compreender que a agricultura camponesa é diferente da agricultura capitalista:

As unidades de produção camponesas, ao terem como centralidade a reprodução social dos seus trabalhadores diretos, que são os próprios membros da família, apresentam uma racionalidade distinta daquela das empresas capitalistas, que se baseiam no assalariamento para a obtenção de lucro.

A produção camponesa é feita no território camponês, que no caso de nossa pesquisa são os lotes do assentamento São Judas. De acordo com Fernandes (2012, p.746):

O território camponês é o espaço de vida do camponês. É o *lugar* ou os lugares onde uma enorme diversidade de culturas camponesas constrói sua existência. O *território camponês* é uma unidade de produção familiar e local de residência da família, que muitas vezes, pode ser constituída de mais de uma família. (grifo do autor).

Dentre essas famílias que tem como modo de vida e forma de trabalho a agricultura camponesa, está o Sr. AZ e Sr.^a AZ que residem e produzem no lote. A produção é bem diversificada, mas o nosso objetivo é aprofundar nos saberes e tradições no cultivo e conservação de sementes crioulas de “milho maisena”, “milho pipoca”, e “amendoim” (figura 2). Essas variedades são conservadas pela família desde 2002 quando vieram do Paraguai para o Assentamento. No entanto, essas práticas são bem anteriores, foram adquiridas de outras gerações, pois são tradições familiares que carregam histórias e saberes populares.

Figura 2: Sementes conservadas na propriedade da família Z.

Fonte: Autora (2019).

Essas práticas de conservação estão se perdendo ao longo do tempo, e o principal responsável por essa perda é o avanço do agronegócio. De acordo com Hoffmann (2017), a estrutura fundiária do Mato Grosso do Sul está alicerçada na concentração de terras, com grandes latifúndios, e seus pacotes tecnológicos, como agrotóxicos, inseticidas, transgênicos etc., porém mesmo com todas essas tecnologias, que estão sendo introduzidas para o pequeno

produtor, “Alguns destes agricultores mesmo em meio à pressão exercida pelo agronegócio continuam conservando suas variedades tradicionais de milho. Essa conservação está ligada ao percurso de vida dos agricultores que as conservam, apresentando para estes diferentes significados”. (HOFFMANN, 2017, p. 107). Como percebemos em nossa entrevista, os guardiões tem uma ligação com as sementes, que é algo mais profundo do que apenas conservar essas sementes, faz parte da sua história familiar.

As pesquisas realizadas nas comunidades de assentamentos e aldeias são de extrema importância para coleta de dados, existem vários trabalhos voltados ao resgate de variedades de milho, por exemplo, em diferentes biomas brasileiros, e apesar disso, existem muitas áreas com expressiva variabilidade genética, que depende de ações para o resgate, em particular para a amostragem de variedades crioulas (EMBRAPA, 2006).

Além da conservação de sementes crioulas, existe também a socialização de saberes tradicionais. Durante a entrevista, a família relatou sua forma de plantio que leva em consideração as fases da lua que, segundo eles, é fundamental para uma boa colheita. O milho e a pipoca devem ser plantados na fase da lua crescente para a cheia, pois a seiva está distribuída na planta e nos frutos, assim os grãos ficam mais bonitos, com as espigas bem granadas. Na colheita, já perceberam que quando colhem o milho seco na lua minguante, ele fica mais resistente aos “carunchos”⁶. O plantio de milho maisena é realizado pela família duas vezes ao ano: setembro e janeiro, pois o milho demora quatro meses para produzir e não pode coincidir com o frio, pois não é resistente a geada. O milho pipoca também pode ser plantado duas vezes ao ano, porém a família planta em setembro ou novembro, o tempo de colheita é de quatro meses.

Com relação a adubação utilizada para o plantio de milho maisena e milho pipoca, varia, às vezes, utilizam cama de frango e, outras vezes, esterco de gado. De acordo com os camponeses, para uma boa produção tem que levar em consideração a seleção das sementes, que são feitas logo após a colheita. Os grãos precisam estar bem secos, umidade baixa, eles selecionam os grãos das espigas mais bonitas e viçosas, descartando os grãos das extremidades e conservando os grãos do meio. Após a seleção, armazenam as sementes em litros de garrafa pet bem fechados (figura 2) para não ter ataque de “carunchos”. As sementes tem um grande significado para as famílias conforme observou Hoffmann (2017, p.83): “Durante a realização desta pesquisa percebe-se que os agricultores envolvidos compreendem a semente como o elemento que inicia e finaliza o ciclo da cultura do milho, referem-se a ela como o centro de todo processo”. Na época certa para o plantio, observam se está na fase da lua adequada (crescente para cheia) e já com a terra e a adubação preparada, realizam o plantio, importante lembrar que o adubo precisa estar bem curtido. Se for plantar na mesma época o milho maisena e o milho pipoca tem que dar um intervalo de uns 15 a 20 dias para não “castigar” a semente, ou plantam longe um do outro, segundo eles “um de um lado do sítio e outro do outro lado”. Algumas dessas práticas são observadas na dissertação de Hoffmann (2017, p. 81):

⁶ Caruncho: é a designação comum a diversos insetos coleópteros pentâmeros que pertencem à família Bruchidae. Por serem fitófagos, alimentam-se, por exemplo, de cereais e feijão armazenados, reduzindo-os a pó, razão por que são considerados insetos daninhos. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Caruncho>>. Acesso em 01 jul.2019.

O sistema de cultivo tradicional de milho, adotado por agricultores assentados da reforma agrária e agricultores indígenas apresenta como etapas de desenvolvimento: a presença do germoplasma, o preparo do solo, a semeadura, os tratos culturais, o controle fitossanitário, a seleção de material genético para reprodução, a colheita e o encerramento do ciclo com o armazenamento do germoplasma para a as safras seguinte. No entanto, esse sistema de cultivo não pode ser descrito como apenas um conjunto de técnicas e práticas agrícolas visando obter melhor produtividade, mas se caracteriza como um conjunto de eventos carregados de significados de ordem ambiental, cultural, social e religiosa. Neste contexto, o ciclo de vida da cultura se mistura com a própria vida das pessoas que a cultivam, permitindo às comunidades camponesas e indígenas a construção de significados e da sua própria identidade.

Sempre de olho na plantação, depois da colheita, uma quantidade fica para a família usar, geralmente, no preparo de farinha de milho maisena que é muito usado para fazer a “chipa”⁷. No caso da pipoca, é consumida pela família e vendida na feira de Rio Brilhante, e não podemos esquecer que o processo de conservação se inicia novamente com a seleção das sementes para o próximo plantio.

Figura 3: Milho e pipoca da propriedade

Fonte: Autora (2019).

Além da semente de milho e pipoca, vamos dar destaque também ao amendoim (figura 4), que é cultivado pela família na propriedade. Para o amendoim, também é preciso selecionar as sementes, porém, nem sempre essa seleção é feita logo após o plantio, geralmente, só debulham o amendoim na época do plantio que pode ser em setembro ou novembro. Muito

⁷Torta com massa salgada feita de milho e leite.

importante observar as fases da lua, que precisa estar na minguante, pois a seiva se concentra nas raízes, por isso, segundo os assentados, tudo que produz em baixo da terra deve ser plantado na lua minguante. Outra observação importante é sobre a adubação que não é utilizada no plantio, pois se adubar “viça” muito as folhas e não carrega o pé. As sementes são armazenadas em sacos na casca, e debulhadas para o plantio, o restante utilizam para consumo e vendem um pouco na feira de Rio Brilhante - MS.

Figura 4: Colheita de amendoim

Fonte: Autora (2019).

Questionados sobre o motivo de conservar as sementes crioulas, a Sr.^a AZ diz que: “as sementes compradas são muito diferentes, não dá pra guardar de um ano pra outro, pois não nasce, e essas sementes crioulas dão menos pragas”. Ela diz que isso foi o que aprenderam com a família, e depois no tempo que residiram no Paraguai conseguiram algumas sementes com os indígenas e aprenderam muito com eles. Antes, eles guardavam as sementes em garrafão de vinho de vidro, aprenderam com os pais quando ainda eram solteiros, agora guardam em litros descartáveis bem tampados porque nos litros não caruncha, segundo elas “os indígenas gostam de pendurar na fumaça, que também protege dos carunchos, mas daí precisa espaço em cima do fogão, preferimos guardar nos litros mesmo”. O Sr. AZ diz que “se a gente vai comprar tudo não dá pra sobreviver, precisamos plantar e guardar as sementes para o próximo ano” e, além disso, quando guardam e plantam suas sementes, “sabem o que estão comendo, porque hoje é tudo modificado e nada saudável”.

A família colaborou com uma pesquisa sobre manejo de variedades tradicionais de milho em comunidades de agricultores familiares no Mato Grosso do Sul, e foram convidados para participar da feira de sementes crioulas de Juti/MS e levar uma amostra de sementes, para participar da oficina de Raças de milho com fins de conservação de variedades crioulas (figura 5). Isso contribuiu bastante com as práticas de conservação da família. A Sr.^a AZ disse: “fiquei muito feliz quando fomos convidados, a gente não fazia ideia de como era importante essas coisas que fazemos”.

Figura 5: Certificado de participação da oficina em Juti/MS

Fonte: Autora (2019).

4-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esse trabalho ficou evidente a importância do conhecimento tradicional/popular na prática de conservação de sementes e saberes. As sementes são conservadas não somente para o plantio e alimentação da família, mas faz parte de uma tradição familiar, que vem sendo passada de geração em geração. Além de conservar as sementes, a família conserva saberes muito importantes para selecionar, armazenar e plantar e colher as sementes.

A família guarda essas sementes pois sabem que são mais saudáveis, e tem menos ataques de pragas. A conservação possui uma relação econômica, pois o camponês não tem pretensão de comprar tudo, por isso, precisam produzir seus alimentos, e as sementes crioulas produzem muito bem.

Todas as fases e os saberes são importantes para um bom plantio, tudo inicia e termina com a “semente” que é a vida, o centro, mas o preparo do solo, adubação, observação das fases da lua, época e local de plantio, e por fim, o cuidado com a lavoura, todos esses componentes garantem uma boa colheita com alimentos saudáveis para a família.

5-REFERÊNCIAS

CAMACHO, Simão Rodrigo. **O Ensino da Geografia e a Questão Agrária nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFMS, Aquidauana, 2008.

CARVALHO, Horacio de Martins. COSTA, Francisco de Assis. Agricultura camponesa. In: CALDART, R. S. et al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 26-40.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Território Camponês. In: CALDART, R. S. et al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 744-748.

HOFFMANN, Marta. **Manejo de variedades tradicionais de milho em comunidades de agricultores familiares no Mato Grosso do Sul**. Dissertação (Mestrado em Agroecologia) - Mestrado Profissional, do Departamento de Agronomia, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Estadual de Maringá. Paraná, 2017.

MATTA, Priscila. **Modos ameríndios de conhecer as florestas: produção de relações e percepções**. Brasília, UNB (Tese de Doutorado), 2016. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-23032016-153311/pt-br.php>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

PIDNER, Flora Sousa. **Diálogos entre saberes locais: dificuldades perspectivas**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010. p. 01-145.

ROLO, Marcio; RAMOS, Marise. Conhecimento. In: CALDART, R. S. et al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 149-157.

SANTOS, Boaventura S. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. 1994. Disponível em: <<http://www.boaventuradesousasantos.pt/pages/pt/livros/introducao-a-uma-ciencia-pos-moderna.php>>. Acesso em: 1 abr. 2020.

TEIXEIRA, Flávia França et al.; VASCONCELOS, José Heitor; NETTO DeaAlécia Martins; ANDRADE, Ramiro Vilela; SANTOS, Manoel Xavier; PADILHA, Liliam. Mapeamento da distribuição geográfica do Milho (zeamays. L) com vistas à conservação de variedades crioulas. **Parentes Silvestres das Espécies de Plantas Cultivadas**. Ministério do Meio Ambiente. Brasília, 2006.

TINDLER Silvio. **Documentário o veneno está na mesa**, Trilogia da Terra, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LtQPZB7NmNA&t=112s>>. Acesso em: 1 abr. 2020.

WOORTMANN, Ellen F. O saber camponês: práticas ecológicas tradicionais e inovações. In: GODOI, E.P., MENEZES, M. A., MARIN, R. S. (Orgs.). **Diversidade do campesinato: expressões e categorias - estratégias de reprodução social**. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009. p.119 – 130. V. 2.

ZENATTI. Francieli Aparecida; CAMACHO, Rodrigo Simão. A Produção Camponesa no Assentamento de Reforma Agrário São Judas. In: Editora Poisson (Org.) **Agroecologia em foco**. Editora Poisson: Belo Horizonte, 2019.